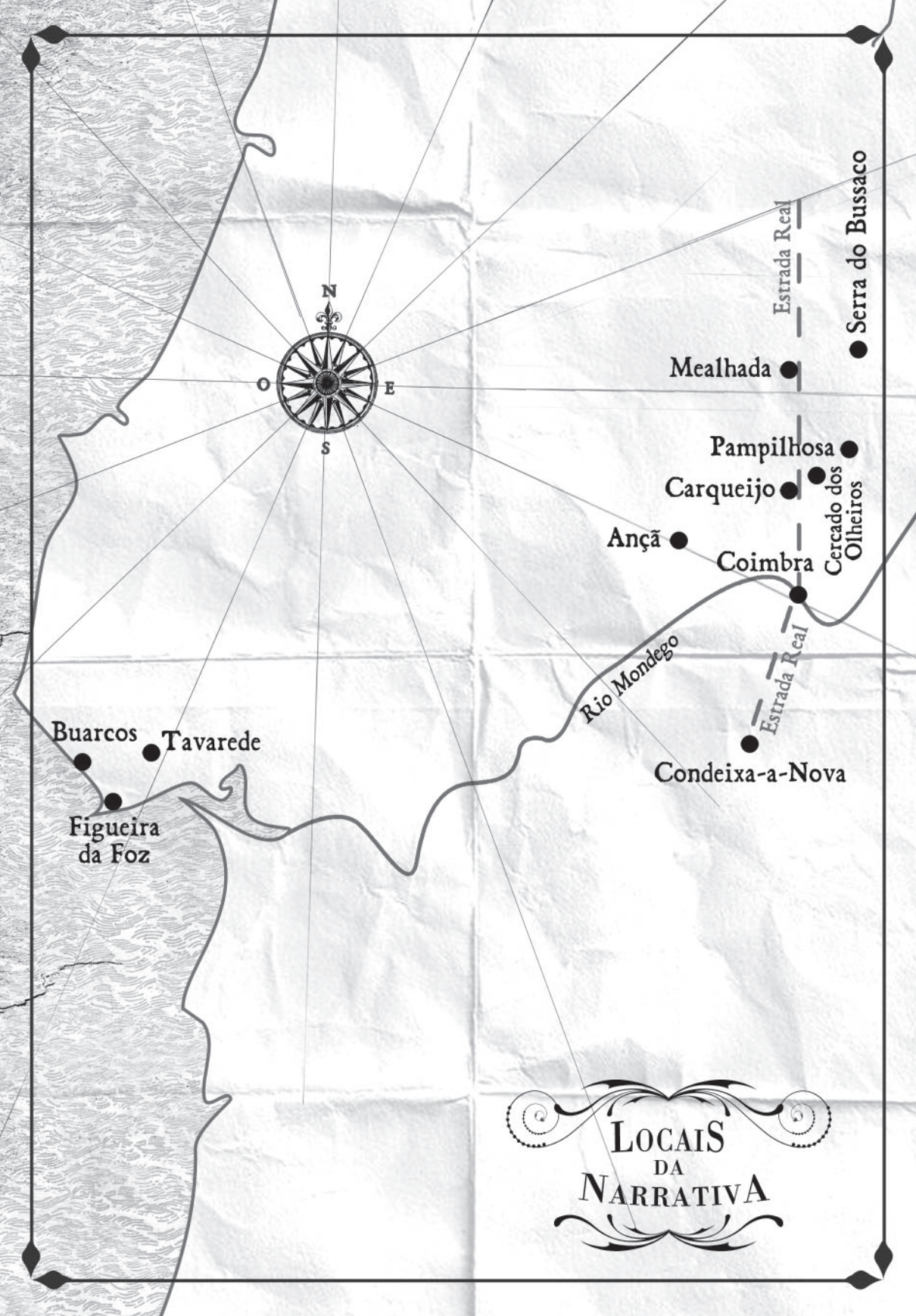


vêm aí os franceses

mário silva carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



● Serra do Bussaco

Estrada Real

Mealhada ●

Pampilhosa ●

Carqueijo ● Cercado dos Olheiros

Anã ●

Coimbra ●

Estrada Real

Condeixa-a-Nova

Rio Mondego

Buarcos ●

Tavarede ●

Figueira da Foz ●

LOCAIS
DA
NARRATIVA



Ainda a noite mostrava preguiça em partir, já os homens, em silêncio, separando as alimárias, organizavam duas pequenas récuas: cinco mulas e quatro burras, mais as cavalgadas de montar, aprontavam a partida do seu cercado, acomodado num valeiro fechado, de encostas suaves, a que chamavam Olheiros, entre os povoados de Carqueijo e Marmeleira, no termo norte das terras da cidade de Coimbra.

O carreiro, entre arvoredos, serpenteava em declive leve, apontando às margens do grande Mondego. O mestre azemeleiro Bento Pinho e os companheiros tocavam a fileira de nove bestas, leves de carga, alforjes de verga vazios. Buscavam o rio, ao encontro das veredas estreitas que seguiam o curso das águas.

A madrugada fria, nevoeirenta, de novembro servia de capa segura à caminhada sem tropeços nos almotacés, fiscais camarários, capazes de estragar a jornada; aplicar penas pesadas, apresar os animais e mandar para a cadeia os viajeros que não portassem certidões de azéméis ou vendeiros.

Sem bulha, ciciando incentivos, cruzaram pelo lado sul o povoado de Barcouço, apontando a Ançã, vila que tinha como donatária a princesa Dona Carlota Joaquina, esposa de D. João, regente de Portugal.

Urgia sair daquelas terras, servidas por verificadores duros e que, além de apreender bens e animais, terem mãos pesadas nas coimas, costumavam descarregar a ira no costado dos imprevidentes rasgadores de caminhos incertos.

As mulas quando dá para ser travessas nem à zimbradura encarreiram.

Venciam as últimas casas do povoado, quando as alimárias entenderam travar o passo e distribuir dentada forte em tudo o que lhes passasse por perto. As burras entraram na dança, numa zurrada de espantar melros e despertar gentes. Os lombos das bestas, quase sempre tratadas com palavras de afeição e incentivo, eram o ganha-pão dos azemeleiros, ferveram de paulada. Em susto, os animais desataram num tropel, pareciam fugir dos arrieiros que os iam apon-tando, com força rija, ao rio, neste desalinho, num trotar forte, entre cipoadas e gritos de acalmação, venceram o povoado de Lavarrabos.

A neblina grossa deixava antever, ao longe, o curso das águas. Havia que frear as azémolas, apertar os cabrestos e acautelar a andada, naquela altura do ano, cereais colhidos, campos em repouso, eram comuns os encontros com pequenas manadas de touros bravos a pastar em liberdade. Quadrúpedes, de humores azedos e cornos afiados, capazes de carregar sobre os passantes, provocando a debandada das récuas e até mortes entre os inofensivos solípedes.

Aquietadas as jericas, seguiram a passo cauteloso. Num encontro do acaso quase tropeçaram num pastor, acompanhado por um moço de ajudas, conduziam em remanso umas vacas e uns vitelos bem crescidos.

Entenderam, entre gestos, encostar os impacientes animais de carregó a uns freixos e salgueiros que bordejavam um caneiro de águas baixas.

Sem muita conversa assentaram o que entendiam ensaiar.

Bento tomou conta das mulas e, arrepinando caminho, torneou o terreno a boa distância, sem se mostrar ao tocador de vacas mais a seu criado.

António, tratado por Esguicho ou Fraca Tripa, na cola, rebocou a burri-cada seguindo a rota das muas.

Combinaram o reencontro nos arredores do lugar de Árvore, já no vizinho concelho de Tentúgal, num cerro fechado, onde em tempos recuados plantaram umas nogueiras. Parecia um bom poiso de espera para reunir os almocreves da madrugada.

Abel, tratado nos ditos correntes por Trombudo ou Sabichão e nas costas por Arrota Lérias, acostou-se ao companheiro Manuel, conhecido por Fala Grosso, decididos, avançaram sobre o vaqueiro, atirando amigáveis cumprimentos. O guardador mostrou espanto ao ver sair da bruma madrugadora tão conciliadores viajantes. Apoiado numa vara comprida, a mostrar agui-lhão, respondeu com voz de cautela à saudação.

Abel, com voz de assustar mortos, abeirando-se do pastor, atirou com aspereza:

— O gado é seu? Ou é do vento?

O demandado, a mostrar não estar inquieto, respondeu que os animais

não andavam perdidos, eram pertença da casa da donatária de Ançã, a infanta real senhora Dona Carlota.

O aprendiz, adivinhando tempestade, levantou, em posição de defesa, um pau de bom tamanho. Fala Grosso, carregando o sobrolho, avançou para ele e num movimento duro obrigou a montada a fazer um meneio de cabeça, que, com um golpe, atirou pelos ares, numa cabriola, o pobre e franzino noviço da arte de cuidador boieiro.

Abel, refreando os modos, vestindo de certezas os ditos, adiantou:

— Ainda bem que os encontrei! Vou levar um vitelo para Coimbra. Um oficial da Casa da Infanta que passe no cabido da Sé para receber a competente maquia acordada já lá vão semanas.

Manuel, sem demora, desmontou, enxotou o rapaz com modos impositivos, escolheu o animal mais criado e, usando um arreio de linhagem, cingiu a cabeça e o focinho do bezerro. Laçou com uma corda a cabeçada e aprontou a partida.

Abel, achegado ao guardador, cuspiu intimações e ameaçou disparar a pistola que lhe apontava ao baixo-ventre. Alvitando certezas, afiançou:

— Com um balázio as tripas saem-te pelo cu!

Incitando o vitelo, apontaram para os termos da grande cidade de Coimbra, partiram decididos, num olhar, antes de desaparecerem na névoa, viram os surpreendidos pastores a arrebanhar o gado e baterem em aflição, para os lados da vila de Ançã.

A pressa não faz boa sociedade, depois de encostados às margens do Mondego, deram um tempo ao vitelo para se recompor da correria, tomaram de mansinho o rumo das águas, buscando o cerrado das nogueiras, nas ilhargas do lugar da Árvore.

Os companheiros, aquietados no sombreado do frondoso bosque, aguardavam em ânsias, com receios que algo pudesse ter corrido mal no entremez burlesco desenhado para arrecadar o luzidio novilho.

Saudado com gestos o reencontro, entenderam continuar numa caminhada serena, batendo os carreiros que serpenteiam o rio no curso para o Atlântico. Um dos recoveiros, liberto dos cuidados com os animais, seguia na coa, orelhas no ar, atento a possíveis perseguidores a calcarem o rasto fresco e malcheiroso dos bosteiros semeados pelas cavalgadas.

O tropeço do acaso nas vacas em apascento, que lhes ofertara uma bela surpresa, atrasaria, por uma jornada, a incursão sardinheira às bordas do mar.

Açodando a cavalgada, Bento Pinho entendeu deixar os parceiros e partir na busca apressada do comerciante e pescadeiro Bartolomeu Fernandes, residente no lugar de Tavarede; homem de mar e terra, que até voava se

tropeçasse num par de asas. Contratador com fama e proveito de ser cultivador de muitos saberes, sete ofícios e mais manhas. Dono de um alvará, assinado pelo juiz de comarca, a lavrar autorização de ser vendeiro de peixe e carnes, cereais, azeite, vinhos, demais alimentos e mercadorias, em todos os lugares no raio de umas poucas léguas.

Sabia onde o encontrar, o comerciante só levantava âncora de casa ao domingo para participar na Santa Missa, com devotada comunhão, ou, muito espaçado no tempo, ir de visita ao conde Tavarede, no seu paço na vila de mesmo nome. Estimado nobre, que referia como seu Divino Santo Protetor de Ventanias, Enxurradas, Febrões e Maus Olhares. Nunca ia de mãos soltas, numa carrela seguiam as novidades mais gulosas da época, o peixe que sabia ser do agrado do fidalgo, frutas sumarentas, avantajados pedaços de carne acabados de sair do açougue ou um pipo de tinto palhete, lambareiro, escorregadio, lavras de um seu vinhedo, sito na Serra das Alhadas.

Cruzou, no miolo da povoação, a frontaria bem composta da casa do próspero negociante, entrou afoito pela porta do gado, sabia que no pátio contíguo haveria gente ao seu serviço. Não tardou a trocar abraço apertado com o vendeiro de todas as marés. Mostrou admiração pela demora na visita, em outros anos, por aqueles dias de novembro, já a burricada sardineira lhe fizera uma mão-cheia de encomendações. Bento Pinho alegou afazeres tardeiros, animais doentes, um almotacé da Câmara de Coimbra, alimária metediça, a rondar o postigo.

Nas próximas semanas repetiria as empreitadas peixeiras.

Trazia uma pendência que precisava de apressado amanhã, falou do vitelo bem tratado que por aquelas horas deveria cruzar os carreiros para os lados da Ereira.

Bartolomeu Fernandes, com gesto impositivo, cortou a meio a descrição de como a récuca empegara no terneiro. Instruiu para assentarem os animais na habitual brenha, circundante aos moinhos de Vila Verde, na vereda que dava para chegar a Ribeira de Caceira. Na madrugada vizinha enviaria, tocado por homem certo, um carro de bois, com uma dorna e os rogados vinte cabazes de sardinha, na volta traria o vitelo esquartejado. Como determinam as boas regras dos talhantes, queria a pele, para verificar a qualidade do animal.

A meio da tarde do dia seguinte esperava nova visita para acerto de contas.

Bento concordou com todo o lavrado, apenas solicitou que o carreiro à sardinha, que havia de ser gorda e grada, juntasse umas cinco arrobas de sal de boa qualidade.

A conversa tropeçou no silêncio, sem demora, desenhando um cumprimento breve, Bento, esporando com suavidade a montada, apontou ao Mondego, rumando na busca dos comparsas recoveiros.

Ao escurecer estavam instalados na mata, pousada já usada noutras vindas em busca de pescado.

Os dias de novembro são apressados a chamar as mantas da noite e muita tarefa havia a ajustar.

Num recesso do arvoredo, entre carvalhos, acomodaram e alimentaram as réguas de burras e mulas, os homens escolheram a copa fechada de um pinheiro manso para pernoitar.

Numa pequena clareira juncaram o chão de caniços, a mesa possível para o desmanchar do novilho. Com uns ramos enjorcaram umas cruzetas que ligaram, entre si, com um tronco comprido, serviria de estendal para descanso da carne. Conduziram a pobre besta condenada ao tapete de canas.

Manuel Fala Grosso, com bons modos, aquietou o bezerro. Abel, usando um pontilho, punhal próprio para a função, apalpando o cachaço, desfechou um golpe que seccionou a medula do animal, quando se esponjou no chão, já, não lançando o mais sumido mugir, estava morto.

Sem perder tempo sangraram a presa, usando punhais e facalhões, esfolaram e desmancharam, separando por porções, o fruto da rapina. O peso da carne obrigou a escorar o estendedouro.

Numa fogueira de agulhas secas e gravetos grelharam o fígado, coração e um pedaço de costela do terneiro da princesa, tudo bem temperado com sal.

Entenderam fazer uma escala de atalaia, não fossem os odores chamar raposo faminto ou cães vadios, não precisariam de acordar em desordem para aquietar o gado medroso, defender as valiosas peças em descanso e espantar os invasores.

Só na alvorada, com a chegada do carreiro, despertaram em sossego do sono breve, mas pesado. Descarregaram a sardinha e o sal, atestando de seguida a dorna com a carne do vitelo. Por cima fizeram uma cobertura de giestas a tapar a encomenda.

O abegão, picando os animais, bateu para os lados que bem sabia.

Os homens trocaram sorrisos, já quase nada os ligava ao acontecido na vereda vizinha do Mondego. Com uns paus escavaram um buraco no chão arenoso, as tripas e demasias foram enterradas com os caniços ensanguentados. Quase numa dança bem-disposta pisaram o terreno esventrado, apagando os rastros da tarefa.

A manhã fria, enevoadada, com um vento de oeste a carregar humidade, convidava ao descanso. A sardinha não podia esperar, descarregada ao acaso

numa pilha, sobre um panal, precisava de ser distribuída e resguardada em boa ordem nos alforjes de verga. Os homens correram os matos na recolha de erva carqueja verde, serviriam de cama ao pescado. Revestiram o fundo dos cestos a que juntaram mãos cheias de sal, começaram a arrumar a sardinha, todas na mesma forma e posição, com o cuidado de em cada camada de pescado ir lançando sal, o conservante mais seguro. Tarefa cuidada que permitiria o peixe fazer a viagem de retorno, sem perder o ar apetitoso.

Usando as réstias esfriadas da fogueira da véspera a que juntaram caruma e ramos secos, avivaram o brasido, onde assaram as sardinhas mais miniguadas, ou as que mostravam as tripas de fora ou meio pisadas, não venceram a esmerada escolha feita.

Umas côdeas de pão rijo, companheiro de viagem, serviram de prato e boa companhia, o barril de vinho foi correndo à vez o grupo, afogando sedes, canseiras e receios. Bento Pinho deixou os companheiros no apronto final das sardinhas e cavalgou ao encontro do vendeiro, queria fazer contas e ainda dar um salto à vizinha vila da Figueira da Foz do Mondego.

Encontrou Bartolomeu Fernandes em grande alvoroço, acabara de receber a informação certa que a barca da sua companhia, a *Tamanca*, tocada por onda travessa, fora lançada à praia na costa dos mares de Aveiro. A embarcação sofrera uma rompedura feia no casco, perdas da pescaria, aprestos e redes.

Por obra do Bom Senhor, os pescadores, enganando a morte, com ferimentos leves conseguiram chegar a terra.

Precisava despachar a sua gente para as Gafanhas, havia que reparar, aparelhar, barco e pescadores.

Sem grandes tempos para assentarem o deve e haver, concertaram para na vizinha, chegada, nova incursão sardineira, acertarem contas, o comerciante pagaria a carne à razão de setenta reais o arrátel.

Acompanhando Bento ao pátio, onde reservara a montada, ao tempo que pedia para entregar um forte abraço a seu pai, o estimado amigo Ernesto dos Cavalos adiantou:

— Se trouxer, bem amanhados, um ou dois porcos capados, pagarei a varrer a carcaça a cem réis. Já agora estou comprador de azeite, pago o cântaro a dois mil.

O mestre de almocrevaria, em cima da montada, recomendou ao vendeiro que apartasse, para a próxima semana, uns fardos de bacalhau grado e boa seca.

Com um gesto de cabeça, a mostrar entendimento, atirou o preço:

— A sessenta, o arrátel.

O jovem cavaleiro esporou o dócil corcel, o *Negrilo*, apontando à

progressiva vila, testemunha do bem-aventurado casamento do Mondego com o Atlântico.

Sem tropeções, nem encontros com os quadrilheiros metediços. Agentes de paz e boa ordem do lugar, que portavam uma vara de cor verde com as armas reais, símbolo do seu poderio de indagar, identificar, viandantes estranhos.

Prendeu o cavalo nas imediações da Praça do Comércio e entrou na loja do Estanco Real, naquela hora quase deserta, solicitou ao empregado, a verter ares de importância, dez onças de tabaco *Virgínia*, enquanto lhe pesavam a encomenda não pôde deixar de ouvir a acesa conversa dos espantados presentes:

Um exército de Napoleão varara terras de Portugal, junto à fronteira rasgada pelo rio Tejo, de canhões eriçados apontava a Lisboa. A vanguarda, cavalaria em tropel pesado, sem tropeçar no nosso exército, já devia ter cruzado Abrantes.

Acomodado o tabaco, incumbe de compra do comandante Mello, homem de mar, aposentado, residente na Mealhada e que ao longo do tempo enviava um recoveiro ao pouso dos Olheiros na encomenda de bacalhau, peixe em salmoura e tabaco.

Nem foi, como era de sua tradição, espreiar a vista no mar sem fim, assistir à rebentação das ondas na foz, a travar as águas do Mondego.

Mostrava pressa em chegar junto dos companheiros, partilhar com eles a temida notícia escutada, de ouvidos espantados, no balcão dos tabacos.

Nailharga do moinho de Vila Verde, no acampamento de ocasião, os serviços de acomodação da sardinha estavam aprestados.

Havia que, depois de uns comes rápidos, voltar ao pescado de pior cara, aquietar as bestas e descansar.

A torna teria início ainda com a noite a fazer despedidas.

O sono não foi obra fácil, a conversa parecia não ter fim.

Bento Pinho, antes de abraçar um dormir agitado, lembrou o guardador das vacas e a má ação praticada.

Os azeméis, com estes gestos desassisados, reservavam um bom lugar num quelho retorcido dos infernos.

Em cavalgadas sem fim cruzou pesadelos:

Vêm aí os franceses!



O pouco repousar, um frio húmido apareceu a dar má parceria, não atrasou o apronto. Os cestos de verga, atestados até à boca, cobertos da mesma carqueja que servira de cama, foram presos às cangalhas dos animais à luz tremelicante, incerta, da fogueira. Os sacos de sal sobranes seguiriam distribuídos pelos dorsos das mulas.

Nas veredas fechadas, de regresso às suas terras, iam procurar, por razões de sossego, não tropeçar nos termos de Ançã, os homens da princesa podiam rondar os caminhos no cheiro de almocreves com má catadura.

Em passo seguro, evitando povoados, aproveitado a fresquidão da manhã e dos animais, avançaram em bom trote, só empeçando em espaçados ladrares de cães de guarda.

O dia tinha boas horas de luz e eles resguardavam as réguas nos currais das suas pousadas dos Olheiros.

Bento Pinho trocou de montada, enquanto os companheiros acomodavam o pescado em arcas de madeira, onde as sardinhas, afogadas em sal, descansariam até partirem nas seiras na busca de bocas esfomeadas, ou restariam, a aguardar no arraial os modestos pequenos vendeiros que acudiam para apreçar por junto a gulosa mercadoria.

A escorrência da peixaria, o tempo de repouso, iria, sem pressa, fabricar o azeite de sardinha. Todas as salgadeiras de madeira estavam servidas, no

fundo, por um espicho, onde corria, a pingo, a gordura do peixe. Combustível de bom preço para usar em lanternas, candeias e outros lampadários de iluminação incerta.

O arraio dos arrocheiros esporou o animal, cruzando os povoados de Marmeleira e Souselas, sempre apontando ao casco da grande cidade de Coimbra.

Procurava o pai e os irmãos, carecia de confirmar a temível nova que escutara na casa tabaqueira de Figueira da Foz do Mondego.

O dia findava quando subiu a escada que apontava ao sobrado dos aposentos bem compostos da família, sitas sobre a mais esmerada carnicaria da cidade.

Um talho que, cumprindo todos os preceitos e taxas, abastecia a mais rica clientela da cidade; um rol de conventos, irmandades, até, nos períodos de falecimento de carnes, a Universidade recorria aos seus prontos serviços.

Todas as semanas Ernesto dos Cavalos, assim era tratado, mandava abater no açougue camarário uma relação comprida de reses: vacas, porcos, cabras, carneiros e até animais de montar e carga, já sem préstimo para o trabalho.

Comerciante estimado que não fugia ao estatuído, honrando o pronto pagamento das taxas de lei e que nunca esquecia de recomendar aos seus oficiais talhantes o envio, conforme os regulamentos camarários, de boas postas para o corregedor, o juiz de fora, os vereadores, o provedor da comarca, o procurador da cidade, o escrivão da câmara e a dois procuradores dos mestrais, sem esquecer um pedaço generoso para os almotacés em serviço no matadouro.

O respeitado senhor Ernesto dos Cavalos não nascera em casa com comida na mesa a horas certas, muito novo começou na senda dos trabalhos duros como moço de cortador. O patrão, negociante de gado bovino e equídeo, de sua graça Constantino dos Bois, partindo do povoado da Pampilhosa, terras pertencentes ao Mosteiro de Lorvão, avançava pelos lugares para lá da Mealhada, até Águeda, noutras jornadas apontava aos lados do mar, visitando todas as aldeias em torno de Murte e Cantanhede, ou varava a serra do Bussaco cruzando caminhos que o desagavavam em Mortágua ou mais além. No regresso, com apoio de seus moços, tocava pequenas manadas de animais que revendia, com lucro de belas moedas, aos açougueiros de Coimbra.

Anos cruzados nestas canseiras, Ernesto entendeu tentar seguir os mesmos atalhos.

O velho patrão, pesado, bolsos atestados, boa pousada, dono de grandes

terras de sementeira e de adegas fartas, esquecia de madrugar, partir na busca da aquisição de animais para abate.

As primeiras compras foram modestas: um boi cansado, uma vaca seca de leites, um burro de pelagem branca de idade e fadiga.

O tempo, as pagas justas e os modos, ajudaram a espalhar o seu nome como gente de boa e séria palavra. No retorno a Coimbra o rebanho de animais ia crescendo.

Os açougueiros recorriam aos seus serviços para satisfazer a melhor clientela.

Por esse tempo, no quintal da casa dos sogros, sita nos arrabaldes, para lá da ponte do Mondego, entre os cercados de animais à espera da degola, em jogos travessos, quatro crianças cresciam em alegria, sob o olhar atento, benevolente, dos avós maternos, defendidos da magreza de vida que grassava na cidade.

Bento Pinho, o mais novo dos filhos, seria pela mãe entusiasmado, namorado, a seguir a carreira sacerdotal.

Pelos onze anos iniciou estudos eclesiásticos, como ordinando, no Seminário de Coimbra, antes frequentara, junto do Mosteiro de Santa Cruz, um mestre de ler, escrever e contar.

Um acontecimento desgraçado mudaria o curso de sua vida.

A mãe, o esteio e alento de seu ânimo, num verão, castigado com ventos tocados de suão, penúria de águas e calores de brasa, sem entendimento dos homens, cercada de febrões, em pouco mais de três dias morreria, entre alucinações e dores.

O luto assentou arraiais em casa, ele e a muito achegada irmã Assunção não entendiam o gesto do Supremo ao foiçar alma tão justa.

O pai, iniciando os dois filhos mais velhos na sua arte, atirou-se ao trabalho tentando afogar os duros abatimentos cruzados.

Um pouco sem rumo, Ernesto dos Cavalos, uns meses chorados, entendeu sacudir a má sorte, encostando-se a uma viúva de um parceiro de mester, vítima fatal de coices e pisaduras de uns touros que conduzia ao matadouro.

Mulher alta e forte, voz desafiadora, modos ásperos, com braços a lembrar trancas de portão, conhecida pela alcunha depreciativa de Marião.

Bento e a irmã, em cada jornada mais achegados, encolhidos em silêncios, rogavam pragas de má sorte à companheira do pai, varoa de olhar turvo que os tratava como se fossem criados menores da casa.

O correr do tempo, as inverneiras, os verões poeirentos, aconselharam Ernesto a assentar vida no casco da grande cidade, estabelecendo-se, como

açougueiro de porta aberta, no espaço que pertencera ao infortunado, espeznhado, carniceiro, antigo marido da pouco estimada Maria Grande.

Assunção, a verter saudades, rumou com Juliano, irmão mais velho, para a vila de Condeixa-a-Nova, onde este, com dinheiros do pai e segundo línguas ínvias, venenosas, da antiga respingada viúva, tomara, para seu proveito, o antigo açougue dos descendentes do velho Pedro Lopes, que por gerações cumpriram, conforme ditava o contrato lavrado com a vereação da comarca de Coimbra, o dever de proverem a população com carnes frescas e salgadas bem-talhadas.

A perda da mãe, a partida da irmã, não foram bons augúrios, Pinho Bento, na escola religiosa, semeava discussões, indisciplina e más vontades, teria mesmo agredido com um pesado candelabro de bronze um outro seminarista em resposta a um remoque grosseiro.

Durante um tempo, por rogo e influência do pai e de carregos de boa carne, ainda continuou os estudos na escola religiosa como porcionista, tentando habilitações para o desempenho de tarefas amanuenses.

Numa primavera luminosa, depois de aceso, azedo, violento, ameaçador desaguisado com a madrastra, informou o pai de que ia partir para o cercado que o açougueiro mantinha nas matas dos Olheiros, onde havia uns pousos modestos e muito degradados.

Bento Pinho tomou como seu aquele chão, onde o pai, por anos, resguardava o gado recolhido nas tornas por lugarejos esquecidos, para, depois de apumado, o conduzir, de pelagem escovada, ao pequeno cercado de Santa Clara e aos açougues da cidade.

Com dinheiros que o pai lhe entregou, não querendo deixar o filho entregue à penúria, cedendo uma récuca de asnos e mulas, o antigo seminarista, agora mestre de almocrevaria, foi engrossando o renque das alimárias com boas compras.

Arrolou trabalhadores, iniciou as fainas de regateio dos gados que o acaso lhe oferecia. Os seus homens, escolhidos em bom preceito, aceitaram a modesta paga, com a certeza de terem mesa, dormida e trato de boas maneiras.

Manuel, o seu primeiro burriqueiro, veio de Coimbra, moço da carnicaria do pai, nascera nas vertentes das serranias do Agrelo, tratado, nas costas, por Fala Grosso ou Ventanias, somava fama de beberrão, mão leve e navalhista.

Abel, o Sabichão, Arrota Lérias mas também Trombudo e até Assanhado, apalavrado no arraial, onde encostara de barriga colada às costas, nascido no achegado e muito antigo lugarinho da Vimieira. Diziam ser filho de gente estradeira. Um cultivador de preguiças e namoradas descriadadas, não parava em

nenhum mester por desaparecer por dias, gostar de contrariar o mandante, o manajeiro, o patrão.

Esgrimia um argumento, sempre na ponta da língua, para tanta argúcia acumulada.

Jurava ter frequentado, por anos, o Real Colégio das Missões Ultramarinas, em Cernache do Bonjardim. Em boa verdade não conseguia alinhar duas letras do tamanho de catedral e se entrara nos muros do seminário de missionários fora para trabalhos sujos e menores.

António, natural dos arredores, rapaz só no mundo, convivera toda a vida com a fome, um larápio de fruta e galinhas, um caçador de armadilhas, laço e costelo. Fraco de corpo e de intestinos, ganhara os epítetos de Esguicho e Fraca Tripa. Desconfiado ou de grão na asa, podia, na primeira brecha, puxar de um punhal que gostava de arear e afiar em permanência. Muitas vezes sofreu pesadas agressões e bateu com a descarnada ossatura nas cadeias vizinhas. Um colecionador de misérias e entra e sai de prisões.

Neste agregado de gente, comparsas das viagens de Bento, ainda havia o Serafim de Barcouço, o Ganso Manco, rapazote, fraco das ideias, mas trabalhador sem canseira, permanecia no pouso do gado e demais alfaías por todo o tempo.

Na chacota benevolente, dos fins de dia, era tratado como o Arrais dos Olheiros.

Ajambraram pousos, dormitório e cozinha, repararam telhados, cercaram o lugar, construíram abrigos para o gado, palhas e todos os aprestos de trabalho.

Numa despensa, sobre uns troncos corridos, colocaram arcas de madeira, serviam de bom recato para as sacas com cereais e para a salga de peixe e carnes.

Aprontaram umas prateleiras toscas para guarda de frutas; maçãs tardeiras, castanhas, avelãs e nozes, defendidas com uma camada leve de serradura e palha.

Encanteiraram um barril de vinho para consumo, aparelharam uma cama segura com esteios de pedra, onde fixaram, com cuidado, duas pias para azeite, com tampas, servidas por chave, em madeira bem aparelhada.

No recanto mais seco do espaço criaram uma tulha marinha, resguardo do sal adquirido nas voltas para os lados do mar.

A ribeirinha que cruzava a vizinhança, onde ao longo do tempo foram criando uma pequena represa com pedras e terras barrentas, abundantes no local, abastecia de águas sadias o abarracamento.

Por todo o ano, os azeméis partiam, arrastando, por rotas bem conhecidas, uma ou duas mulas, no regateio de animais para carne ou trabalho, muitas vezes na venda de peixe, um bom mote para localizar gentes que procuravam novos donos para os animais de pátio ou curral.

Sempre que as oportunidades do acaso ofereciam ventos de abundância, metiam as unhas em tudo que não tresandasse a odores de miséria, não virando a cara às voltas que a sorte e a cuidada busca ofertassem.

Como bem dizia o Abel Assanhado:

— De mãos a abanar é que não! Nem que seja preciso depenar uma figueira de um Senhor Marquês Barrigudo, encher as seiras de figos para secar e atufar o bandulho.

Nas incursões magras, carregavam o dorso das bestas com lenha, agulhas ou panascos; calor para os pés, cama para os gados.

Espaçado no tempo, levados em pequenas manadas, encaminhavam o gado, fruto das suas mercas, para o redondel. Coimbra abundava de dinheiros e bocas sôfregas

O pouso dos Olheiros para os vereadores e fiscais da Câmara de Coimbra não passava de um cercado provisório, encafuado nos matos, resguardo de gados em circulação, propriedade do cumpridor, estimado e pródigo nas oferendas, o açougueiro Ernesto dos Cavalos.

Havia uma mercadoria que Bento Pinho, muito depressa, interditou:

O negocio de bebidas de todas as proles!

As compras de vinhos palhetes ou carrascões, e demais aguardentadas de trepar à cabeça, incitavam a repetidas provas, depenavam lucros e semeavam grossas discussões, trovoadas e ameaças anavalhadas.

Aqueles homens não foram talhados para ensinar boas maneiras, nem catecismo no adro da igreja.

O impedimento mostrou ser cauteloso. O pipó do pessoal, modesto de tamanho, era atacado com parcimónia, todos funcionavam como fiscais da sequidão do próximo. Sabiam que esgotada a quartola pingueira, o patrão preceituava a boa água da ribeira para saciar ânsias e apaziguar desejos.

Nem sempre a cartilha da modéstia no beber era cumprida, tocados pelas securas, aguilhoados por Manuel Ventanias, dono de mil ânsias, o grupo disparava até estancarem no balcão de uma das vendas dos arredores; no Canedo, Marmeleira e Pampilhosa havia fontes gulosas.

Tentavam chegar sem grande atoarda, o Patrão Novo Pinho torcia o nariz a estas expedições, receando discursatas e cenas inconvenientes.

Bento Pinho não precisou de puxar duas vezes o cordão da sineta.

No cimo da escada a irmã, olhar jovial e de espanto, abrindo os braços, exclamou:

— Anda, sobe, chegaste na hora certa.

Havia um bom tempo que não via Assunção, a viver em casa de Juliano, por feliz acaso estavam em Coimbra.

Dos quatro irmãos, o segundo de nascença, João Fininho, continuava na casa paterna e acudia ao pai no negócio do talho.

Juntos, por marca do acaso, trocaram abraços e alegrias pelo imprevisto reencontro.

Pai Ernesto, mesmo de barba descuidada, pesado, face vincada pelos sulcos do tempo, desafiou, dando força e jovialidade ao dito:

— Toca a andar para a mesa!

Maria Grande, com quem trocou um cumprimento leve, ainda havia nuvens pesadas no trato entre os dois, despejou uma panelada de carne bem escorrida, ainda a fumer, em cima de um panal branco.

Sem rezas, nem cerimónias, atacaram o cozido, bem picadinho de sal, a verter calor e sabores. Pedacos de pão e umas facas ajudavam na função. Porções fartas de chispe, joelho, toucinho, orelhas, espinhaço, entrecosto e demais ossatura não tardaram a ser esfiapados de toda a carne, magra ou gorda. Fatias grossas de um pão de trigo e centeio ajudavam a empurrar, um vinho tinto, que viajara dos lados de Almalaguês, nos marcos externos da cidade, entusiasmava a saborosa tarefa.

O pai cumpria um velho costume, gostava de mergulhar a carne numa malga com azeite, só Bento seguia esse hábito, enricando de untosos sabores as febras que arrancava dos ossos.

As conversas embicaram sempre no mesmo rumo.

A invasão dos franceses que traziam na cola numerosas tropas de Espanha.

Em Coimbra circulavam certezas acrescidas de desgraças e mortandades.

A vanguarda agressora, a cavalo, cruzara a fronteira e tomara Castelo Branco sem resistência. O exército português não disparou um mosquete, não defendeu o seu chão com a mais espaçada canhonada.

Só os maus caminhos e uma chuva a lembrar dilúvio travou o avanço sobre Abrantes, praça-forte de portais escancarados, havia quem jurasse que nem portões possuía.

Na cauda da cavalaria, a infantaria, vinte mil homens sem piedade, alvejando quem levantasse, em defesa, uma ferramenta de trabalho, espalhavam o terror, a fome e a morte, violando mulheres, novas e velhas, saqueando ou destruindo todos os bens de mesa, sem esquecer os gados, degolados ou arrebanhados.

As populações, numa frente de léguas, no roldão do avanço, estavam entregues às suas pequenezas e angústias, a carpir desgraças de dor e mínguas.

Os amanhãs não prometiam sol!

Bento Pinho apalavrou passar, bem de manhã, na carniçaria, precisava de assentar com o pai e o irmão João Fininho as tarefas para as semanas mais chegadas.

Uma questão acudia a todos:

Quando chegarão a Coimbra as tropas de Napoleão?

A despedida de Assunção trouxe uma lágrima ligeira, melancólica ao olhar, recomendou a Juliano para defender o seu, deles, bem maior: a amada irmã.

O orgulho não o deixava pernoitar na casa de Maria Grande.

Tocou para os lados da Paróquia de São João de Almedina, o seu cavalo estava resguardado numa cavalaria da Rua do Arco.

Numa simples esteira, lançada sobre as palhas, embrulhado num capote grosseiro, entregaria, por inteiro, o corpo cansado, a um sono reparador.